



**andreas
latz
ko**

**ho
mens
em
guer
ra**

**tradução:
clau
dia abeling**

CARAMBAIA



HOMENS
EM
GUERRA

ANDREAS LÄTZKO

HOMENS
EM
GUERRA

TRADUÇÃO
Claudia Abeling

APRESENTAÇÃO
Stefan Zweig

DEPOIMENTO
Romain Rolland

CARAMBAIA



SUMÁRIO

Andreas Latzko
Apresentação de Stefan Zweig 7

<i>A partida</i>	13
<i>Batismo de fogo</i>	35
<i>O vencedor</i>	77
<i>O companheiro – um diário</i>	97
<i>A morte de um herói</i>	121
<i>A volta para casa</i>	131

Encontro com Andreas Latzko 153
Depoimento de Romain Rolland

Nascido em Budapeste, o escritor Andreas Latzko (1876-1943) serviu como oficial do exército austro-húngaro na Primeira Guerra Mundial. Em 1914, foi enviado para o front do Rio Isonzo (na Itália, próximo à fronteira com a Eslovênia). Em 1915, após um ataque da artilharia italiana perto da cidade de Gorizia, Latzko entrou em choque. Passou oito meses internado, depois deixou a guerra para seguir o tratamento psiquiátrico em Davos, na Suíça. Afastado do combate, redigiu “Homens em guerra”, que publicou anonimamente em 1917 pela editora Rascher-Verlag, em Zurique. O livro, considerado um libelo contra a guerra, foi proibido de circular em todos os países envolvidos no conflito.

Apresentação:

Andreas Latzko

Stefan Zweig

Não tínhamos ouvido falar muito dele antes da guerra; no máximo, conhecia-se seu nome como o de um hábil e vívido escritor; uma peça escrita por ele havia sido encenada um dia em algum palco, um romance de sua autoria tinha saído em algum lugar. De vista, lembrava-se do nome dele impresso no jornal ou de uma resenha. Mas não sabíamos nada de mais preciso sobre ele.

Veio, então, este livro: *Homens em guerra*; veio como uma libertação. Lembro-me, ainda hoje – e nunca me esquecerei –, da primeira vez que o li.

Foi na Áustria, país separado do mundo, e estávamos sentados, os punhos fechados, dentes cerrados. A palavra, nossa força, não era mais possível, e, como surdos-mudos, só podíamos nos comunicar por meio de sinais misteriosos; nós, os raros conscientes no meio da loucura funesta da multidão. E assim surgiu – como essas coisas surgem? – assim surgiu de algum lugar o boato de que um livro acabava de ser publicado na Suíça, o livro de um oficial austríaco que finalmente falava a verdade. Soltamos um grito de alegria: a verdade, acorrentada, tinha rompido suas correntes, suplantou as cem barricadas da censura, foi ouvida no mundo inteiro! Esperamos pelo livro, o livro proibido que os guardas espreitavam vigiantemente nas fronteiras para que não viesse envenenar a mentira tão bem cuidada pelo grande entusiasmo; para que nenhum sopro de ar livre viesse animar nossa pesada atmosfera. E, finalmente, um amigo o trouxe, Deus sabe por qual contrabando! Eu vejo, ainda hoje, esse exemplar impossível de encontrar: a capa tinha sido arrancada e substituída por outra, absolutamente inofensiva; todas as páginas estavam gastas e rasgadas por terem passado por um monte de mãos apressadas e sedentas de leitura. E também me lembro de nós lendo-o: entusiasmados, com as bochechas ardentes como crianças que leem um livro proibido, e embriagados por um maravilhoso êxtase de fraternidade. Pois aquele era o grito reprimido de milhões de homens ao nosso redor, que jorrava

como um jato de sangue de uma boca; era a verdade, que conhecíamos apenas envolta num torturante silêncio, finalmente descrita em palavras. Sabíamos que aqui, nossa inimiga, a guerra, estava crucificada. Quanto aos nossos generais, que percorriam nossas ruas de um lado para outro em seus automóveis com ar de senhores e respondiam apaticamente às saudações apavoradas e servis dos seus lacaios, sabíamos que, aqui, nossos generais tinham sido arrancados de seus uniformes cintilantes e colocados a nu diante dos olhares, em suas pequenas humanidades. E o que ainda se assemelhava, em nós, a um orgulho nacionalista nos jubilava: também tínhamos mandado para o mundo, para a humanidade panfraterna, um mensageiro da amargura e da raiva sagrada.

Este livro foi assim para nós; ainda não sabíamos o nome desse corajoso. Mas desde que o conhecemos, Andreas Latzko, tanto o homem, como o artista, passou a ser eternamente inesquecível. Nele, a força mais pura do poeta, a piedade – a compaixão pelos sofrimentos do outro –, tinha se tornado uma força tão elementar na amplitude monstruosa da miséria europeia que ela desvendava incontestavelmente cada destino e sabia abalar até a mais dura das cascas. Não era mais o homem que falava para o homem, mas a própria humanidade que soltava seu grito de horror. Diante do tribunal da História, introduziu-se um testemunho cuja voz incorruptível e pura contava o sofrimento dos seres; e, atrás dele, estavam de pé os milhões de vivos e os milhões de mortos que falavam através da sua voz. E essa voz não se cansava. Uma segunda vez, no seu *Friedensgericht* [tribunal de paz], ele repetiu a acusação, já com um tom mais calmo, mais objetivo, mais incisivo, mais dominador, mas com essa indestrutível amargura de quem viu a morte e a tortura dos homens. E, coisa estranha: enquanto o mais forte dos poderes que a Terra conheceu desde muito tempo ruiu, a palavra de acusação ainda vive, da mesma forma que os documentos sobrevivem aos príncipes e os poetas, aos reinados. E essa palavra sempre renovará suas forças. Ela é mais viva do

que nunca, hoje, quando a mentira heroica cresce tal como uma bola de neve entre as multidões humanas, enquanto as novas gerações caminham para o abismo onde a nossa foi esmagada e enterrada na noite em nome do sofrimento incomensurável.

Advogado do sofrimento, defensor da eterna liberdade do homem eterno, esse homem que resolveu um dia assumir esse papel não deve abdicar como os príncipes ou demitir-se como um ministro do acaso. Ele não pode voltar atrás e abaixar-se às pequenas intrigas da literatura, aviltar-se forjando pequenos contos para o deleite do público burguês; tudo o que ele escreve deve valer agora para toda a humanidade e para seu sentido mais profundo: sua unidade. Portanto, olhamos para Latzko com uma expectativa fraterna. Nosso reconhecimento e nossa confiança o elegem mensageiro do invisível parlamento da Europa-Una, advogado da necessária Fraternidade que se tornou o sentido e a meta das nossas vidas.

Salzburg, 1919

Stefan Zweig (1881-1942), escritor austríaco, autor de Brasil, país do futuro. No início dos anos 1930, deixou a Áustria fugindo da perseguição aos judeus na Europa. Na década seguinte, exilou-se com a mulher, Lotta, em Petrópolis (RJ). Ambos se suicidaram durante o Carnaval de 1942.



AO AMIGO E INIMIGO



“Com certeza chegará o tempo em que todos pensarão como eu.”

A
partida

SCHRITT UND WEHRE
FENSTERSCHREIBE, AUASCHRI
VIELEN TAFELN, AUASCHRI
SCHRITT UND WEHRE
EINDRINGUNG DEM WEHRE
VIELEN TAFELN, AUASCHRI
EIN, SCHIEN DAUKAUM F
EINDRINGUNG DEM SCHRI
GEMETZE, DESSEN WEHRE
EIN, SCHIEN DAUKAUM HORI
ATERFEUER ÜBER DEM KAUM F
GEMETZE, DESSEN WEHRE
ER NOCH IN PERMANENZ. U
ATERFEUER ÜBER DEN FAUCHE
ROM DER SCHWEREN, FAUCHE
ER NOCH IN PERMANENZ. U
AN FUHRWERKE VERBÜRGETE, WE
DER SCHWEREN, UND ZUF
RÜCKE POTERTEN, UND ZUF
FUHRWERKE VERBÜRGETE, K
UND KEIN SÄBERKEITEN

Era o final do outono do segundo ano da guerra, no jardim do hospital de uma pequena cidade do interior da Áustria. Situada aos pés de colinas cobertas por florestas, como que escondida por trás de um biombo, ela ainda não perdera sua sonolenta índole pacífica.

As locomotivas apitavam dia e noite, os trens carregados seguiam até o front com soldados enfeitados, cantantes, pilhas de bolas de feno, gado de abate mugindo, sombrios vagões cuidadosamente fechados com munição; os outros se arrastavam lentamente para casa, marcados pela cruz ensanguentada que a guerra lançara sobre as paredes e os moradores. A grande sanha cruzava a cidadezinha sem conseguir afugentar sua calma, como se as casas baixas, de cores claras e fachadas com antigos ornamentos, tivessem chegado a um acordo silencioso para ignorar solenemente o intruso exigente e barulhento que virava tudo de ponta-cabeça.

Nos parques, crianças brincavam, sem serem importunadas, com as grandes folhas vermelho-ferrugem das velhas castanheiras; mulheres conversavam em pé na porta das lojas; em algum lugar de cada ruazinha, uma garota de lenço colorido na cabeça limpava um vidro de janela. Apesar das bandeiras de hospital que se agitavam na frente de quase todas as casas, apesar das muitas placas, inscrições e orientações de percurso que o invasor fixara no semblante da cidadezinha indefesa, a paz permanecia – mesmo a 50 quilômetros de distância do combate, cujo brilho tremeluzia no horizonte como fogo cênico em noites claras. Quando, por instantes, cessava o fluxo dos barulhentos veículos pesados, nenhum trem estremecia a ponte férrea e, por acaso, nenhum toque de trompete nem estalido de sabre musicavam a guerra, a cidadezinha rapidamente apresentava seu rosto bondoso-entediante de interior para, em seguida, se esconder, resignada, atrás da mal-ajambrada máscara de soldado diante da próxima viatura de general a dobrar a esquina com uma pressa arrogante.

Decerto que, ao longe, os canhões espocavam como se fossem enormes cães de tocaia embaixo da terra, prontos para o salto, rosnando

para o céu. O latido surdo dos grandes morteiros chegava de lá como a tosse pesada da sala de enfermos, assustando os despertos que, com os olhos vermelhos de choro, escutam atentamente o moribundo. As longas sequências de casas baixas também estremeciam, ruidosas, e ouviam assustadas essa tosse convulsionar tantas vezes o solo como se a angústia da guerra estivesse pousada no peito do mundo feito pesadelo. Assustadas, as ruas encaravam umas as outras, piscando sonolentas no reflexo das pequenas lâmpadas noturnas, que projetavam dançantes sombras animadas sobre os corredores estreitos entre as camas. Os quartos abarrotados de aflição lançavam para a noite gritos agudos, choramingos, gemidos. Cada som humano que saía pelas janelas abertas era como um ataque furioso ao silêncio, acusação selvagem contra a guerra que, lá adiante, fazia seu trabalho, deixando para trás, como lixo, corpos humanos dilacerados, enchendo todas as casas com sua imundície sangrenta.

Mas as belas fontes de ferro fundido continuavam gorgolejando serenas, falando com uma resistência tranquilizadora sobre os dias de sua juventude, quando os homens ainda tinham tempo e cuidado para com linhas de curvas nobres, e a guerra era assunto de príncipes e aventureiros. De cada ornato e de cada esquina fluía o conto de fadas, caminhando com passos leves por todas as vielas, sussurrando sobre paz e conforto como uma mexeriqueira, e as velhas castanheiras aquiesciam, afagavam com as sombras de seus dedos abertos as fachadas assustadiças para acalmá-las. O passado vicejava tão perto pelas frinchas dos muros que todos que entravam em seu círculo não escutavam o trovejar dos canhões, mas o ruído das fontes; de seus leitos febris os doentes e feridos, serenados, ouviam a noite animada; homens macilentos, carregados em padiolas balangantes pela cidadezinha, esqueciam-se do inferno de

onde vinham; e mesmo as vítimas com muitas bagagens que passavam estrondeantes na célere marcha noturna diminuía o passo, como se tivessem topado com a paz e com seu próprio eu desarmado, à sombra dos pilares e marquises floridas.

Acontecia com a guerra o mesmo que com o rio, que vinha do norte com furiosa pressa, espumando de raiva sobre cada pedrinha do seu caminho – e que, do outro lado da cidade, junto às últimas casinhas, despedia-se suave e enlevado, todo manso, chapinhando baixo, como que na ponta dos pés, adormecido pelo devaneio que refletia. Largo, ele cruzava os campos e fazia uma curva pelo hospital da guarnição que ficava à sombra de plátanos de troncos gordos, como numa ilha. O murmúrio do curso indolente misturava-se de três lados ao farfalhar das folhas, como se o jardim regesse, à noitinha, compassivo, uma canção de ninar para os feridos que sofriam em formação de tropa, regulamentados até a chegada da morte, até o túmulo, no qual eles – sapateiros, funileiros, camponeses e amanuenses caídos – eram enterrados sob salvas de armas ferozes.

O toque de recolher acabara de silenciar; durante a ronda, os vigias descobriram três atrasados à sombra da grande alameda e os mandaram para casa.

– Talvez vocês sejam oficiais, certo? – grunhiu, gaiato, o comandante, um parrudo oficial da reserva de têmeoras grisalhas. – A tropa tem de estar na cama às 9!

E, apenas para garantir sua honra, ele acrescentou com uma acidez mal fingida a ameaça:

– Vamos! É para hoje ou não?

Ele quase proferiu a ameaça habitual nesses casos, a de “fazer nascer pernas”; mas, no último instante, conseguiu engolir a frase e fez cara

de quem tinha se engasgado. Pois os três, que foram manquitolando em direção ao portão da unidade, certamente não teriam nada contra nascerem outras pernas. Foram se arrastando, a três, juntos somando dois pés e seis muletas crepitantes. Como se mãos de maestros, preocupadas com a simetria, tivessem organizado a cena, à direita vinha um ao qual restara apenas a perna direita, à esquerda seu oposto, saltando com o pé esquerdo; e no meio balançava, entre duas muletas altas, o coto lamentável de um corpo humano, as pernas vazias da calça sobre as costas, presas no peito; o homem inteiro caberia num berço de tão pequeno.

De cabeça pensa e punhos cerrados, o oficial acompanhou o grupo com o olhar, como que oprimido pelo peso da visão, rosnou um impropério que não soava exatamente patriótico e cuspiu um largo arco entre os dentes da frente. Ao se virar para partir, uma risadaria chegou ao seu ouvido vinda do outro lado do jardim, da direção da ala dos oficiais. Petrificado, ele encolheu a cabeça como se tivesse sido golpeado no pescoço e, sobre seu rosto largo, bonachão, de camponês, faiscou um ódio incontável. Ele cuspiu mais uma vez para se acalmar, tomou impulso e passou pelo animado grupo com uma saudação rígida.

Os senhores agradeceram de maneira descontraída. Estavam sentados – contaminados pelo refrigério que levitava sobre a cidade feito uma nuvem –, conversando animadamente sobre a guerra, sobre quatro bancos que formavam um quadrado diante da casa e... riam, como estudantes divertidos que gracejam felizes sobre os temores de provas já superadas. Cada um tinha cumprido sua tarefa, recebido sua parte e, com a proteção de seu ferimento, aguardava confortavelmente as férias em casa, os reencontros, as festas e ao menos duas semanas inteiras como pessoas não numeradas.